

## Fábio Mandingo

### Textos selecionados

#### Pipoca

Barulho ensurdecedor ferindo os ouvidos. Tensão. A multidão em polvorosa nas ruas noturnas. Helicópteros. Medo. Tropas de choque. Um homem negro caído imóvel no chão deságua um rio de sangue: é carnaval em Salvador!

Minha missão é atravessar meu corpo negro em segurança até o Garcia, passando por toda a Avenida Sete, onde a festa corre solta. Eu já trabalhei o dia todo, vendendo cerveja e batida de maracujá. Desde de manhã cedo na luta, comprando gelo, arrumando isopor, descarregando caixas e mais caixas de refrigerante e cerveja. Tudo amarrado, trânsito lento, a paciência no limite em que um tombo mal dado ou um olhar mal cruzado podem estourar um assassinato. Os pretos subindo e descendo a Ladeira da Montanha com sacas de gelo na cabeça, mulheres e meninas fortes trazem até quatro caixas de refrigerantes nos braços.

Eu se não tirar o meu agora no carnaval, passo o semestre todo no osso, e aí a vida não corre. A onda é essa mermo: correr na frente que atrás vem gente!

Agora, noite de terça-feira de carnaval, última noite da putaria, a galera tá na sede da loucura, na ponta da faca da maldade.

Quem não bateu em ninguém, tem que bater, quem apanhou tem que descontar, quem tem conta pra acertar, a hora é essa, quem não se armou com ninguém, tem que arrumar uma figura pra namorar hoje! Porque se não, já sabe, é o ano todo sendo comediado pelos camaradas da rua, e ficar só afinando os dentes pro carnaval que vem. “Os Home” então nem se fala, tem polícia que trabalha até de graça, pede pra trocar o dia, pra poder dar plantão na terça-feira.

Eu não vou mentir, já gostei, mas hoje em dia mano, na moral, pra mim é só trabalho, quero é ver minha nega, minha filha que tá me esperando, juntar “o bom” pra passar os próximos meses que o bicho tá pegando é no meu bolso.

Logo na Rua Chile o pau já comeu. Esse cara tomou um murro de algema na fonte, e taí no asfalto se batendo e sangrando. O motivo quem sabe são eles, o Choque que tá passando o rádio chamando a viatura. Eu tô só de passagem, só de passagem, e que meu Deus e Xangô me protejam.

Se descer pela Barroquinha é viola, os sacizeiros tiram meu escalpo e roubam até minha cueca. A Baixa dos Sapateiros já virou a cidade fantasma do *crack*, e só quem não tem nada a perder é que correria o risco. A Avenida Contorno, do outro lado, é outra conversa: choque descendo, P.E. subindo e agente da civil dando bote de paisano. Até eu explicar o dinheiro guardado no tênis, ia eu no rodão da 1ª e só quinta-feira tava solto. O jeito é mesmo atravessar a muvuca, seguir na levada, pronto pra tudo e entregar a Deus.

Desde a Praça Castro Alves é terra de ninguém. Eu fiquei nessa de pensar na vida e só percebi quando o trio tinha já começado a tocar. Sorte minha que era Baby Consuelo sem pecado e sem juízo, aí dá pra subir até a Carlos Gomes no vácuo de um cordão da PM que atravessou a praça. No começo da avenida eu já pego Margareth botando o chão pra tremer. Sua voz potente atravessa os corpos em milhares de decibéis, a percussão come no centro, o couro das congas é que marca o ritmo, a massa se agita ao som de Dandalunda, e eu sigo a minha estratégia:

dançar junto com a música, cuidando pra não levar pancada, e avançar uns cem metros a cada intervalo.

O trio de Margareth é de pipoca, só o povão é quem vai atrás mesmo. Viola de um lado, biriba do outro, playboy nem pensa em colar. Desvio dos grupinhos, é onde mora a covardia. Um que pare de vacilo no meio de uma barca dessa: eu que já sou macaco velho, sempre na levada. Minha mulher me esperando em casa, ó praí, eu coleí foi numa pretinha que me deu um sorriso e fui grudado nela até o outro trio. Ainda dançou pra mim, alegria da cidade, e enfiou a língua quente em minha boca, dançou e me soltou de volta no fluxo de gente. Mais à frente rolou uma briga grande, eu conheço uns caras de Castelo Branco, mano, os caras treinam o ano todo pra barbarizar no carnaval. Mistura com cravinho, duas gramas de pó, o peão parece o satanás, cada músculo definido brilhando de suor, superagilidade, maldade pura, ginga que ninguém nem entende a velocidade dos murros que derrubam o outro preto em sua frente. Cara pisada no asfalto, barriga chutada, dente quebrado. Os pivetes fazem os halteres com latas de leite cheias de cimento, cabos de vassoura, e vão se inchando de fevereiro a fevereiro. Corta perna de calça, costura um saco de boxe e vai calejando a mão até ficar parecendo uma soqueira, um murro, uma queda.

[...]

(*Salvador negro rancor*, p. 43-46).

### Por acaso

Por acaso acordou com a porra da frenologia na cabeça. A lombra de Lombroso que Nina Rodrigues abraçou. Nem que tivesse lido recentemente alguma coisa sobre isso, a frenologia se grudou em seu cérebro como assombração matinal, foi com ele o dia todo e noite já se ia e a coisa ainda martelando.

Sábado de noite, estava indo pra casa da tia mais velha, que chamou a parentada toda pra bater laje no domingo, cortar cana dura com os primos e comer aquela feijoada de elite que a negona preparava. Conseguí pegar o último São Marcos antes da madrugada, nem cheio nem vazio, um lugarzinho só, como se lhe esperando. Sentou inocente, na moral, mas percebeu de imediato que a mulher ao lado protegeu a bolsa no colo, instintivamente, com medo.

Putá que o pariu, isso era das coisas que mais odiava, ser tirado de ladrão, aguçou os sentidos. Também, a mulher a maior alienígena, loira como a mulher da novela, seus trinta anos, lá dela, sapato de salto, vestido preto parecendo roupa de grife, de desfile mesmo, parecia ficção, se alguma coisa ainda fosse ficção hoje em dia. Não ousou olhar diretamente, e nem ela, os dois se investigavam com o canto dos olhos, pretensa vítima e possível predador, medindo, inquirindo.

Tentou disfarçar a tensão, olhar pro lado, o estômago já embrulhado, mas sua presença era imperativa, e forçava o olhar pro seu lado.

E se Lombroso estivesse certo, e sua mente guardasse um animal assassino perdido lá em alguma selva africana de um filme de Tarzan? E se Nina Rodrigues estivesse certo, e sua mente guardasse um sociopata latente, pronto a cometer um crime, seu crânio de ladrão lhe empurrando pra o desvio, o mal?

Pensou nisso, o ônibus já vinha cá pela Brasilgás, a oitenta por hora, que o motorista, também homem delinquente, perde muito a noção a essa hora da noite. Em verdade, a mulher com esse corpinho de modelo, não aguentava um tranco, veja só: bolsinha de carregar no braço, um puxão mais forte e levava braço com tudo.

Como tremia, a moça, dava quase pra sentir o cheiro do seu medo, no nervosismo com que se movia na cadeira, na respiração parada de bicho acuado, as mãos apertadas na bolsa preta de couro. Podia lhe dominar com uma mão só, sem muita violência, e na certa esse medo era por alguma coisa que tinha ali dentro. Talvez o salário do mês, ou o dinheiro de algum empréstimo, o celular novo, uma jóia, que ela tinha mesmo jeito de usar. Era puxar e correr, daqui pro final de linha de São Marcos, polícia não tem pra ver nada, era só fazer e correr, conhecia tudo por ali, nascido e criado no Pau da Lima, se descesse em uma viela, só lhe achavam se quisesse.

Mas, e se fosse também um desviante sexual, um perverso, que somente sentisse prazer submetendo sua vítima à dor? Nada que não estivesse na lombra de Lombroso, em verdade, era tudo previsível, no tamanho e formato de seu crânio. Tudo deserto essa hora, era puxar a loirinha pra um canto qualquer e fazer do jeito que quisesse. Um murro na nuca, se necessário calar sua boca. Pressentia que esse medinho de puta tinha muito era de excitação reprimida, de vontade de dar prum macho mais forte, másculo, imoral, do pau grande e grosso. Se esse era o seu estereótipo, por que não imaginá-la lasciva, gritando não, enquanto queria mais, mexendo os quadris e mordendo os lábios enquanto chamava a polícia pra destruir o corpo daquele amante violento?

Queria dar um fim naquele turbilhão de bobagens, Lombroso que se fodesse mais Nina Rodrigues e o diabo no inferno. Aquilo parecia era coisa de obsessão, mas a tia velha sabia uns banhos bons pra afastar espírito perdido, e já estava chegando.

Por acaso, no entanto, tremeu quando a mulher pediu licença da poltrona, pra saltar no mesmo ponto e tomou sua frente no corredor do ônibus. Desceu na rua vazia, nem cachorro se aventurava aquele horário. A branca ia na frente, bolsa balançando, com seu rebolado de branca nos passos de modelo desfilando. Era mesmo uma coisa bonita de se ver, contra luz de mercúrio da Paracaíma. Parecia uma visagem, a diaba, uma personagem de novela caída do nada em meio ao gueto, e aliás, que zorra é que essa figura ia fazer por ali, àquela hora? Ser assaltada, é lógico, será que não sabia do risco que corria? Qualquer menino podia roubar sua bolsa, lhe agredir, lhe violentar e desaparecer como saci.

Quando ela lhe percebeu vindo logo atrás, voltou a segurar a bolsa no colo, nervosa, e apressou os passos em direção à baixada. A tensão então retornou. Se ela continuasse se fazendo de presa fácil, ele ia pirlar de vez, sabia disso, e fazer alguma merda: era um passo só, fazer e correr! Era o que ela esperava, era o que ela previa, era o que o cenário pedia, era o que a hora alta ansiava. Por acaso, no entanto, tremeu ao divisar, na virada da curva uma viatura da Rotamo, subindo a rua a vinte por hora, escopetas pra fora das janelas, dentes afiados, e se sentiu como uma hiena, diante de um grupo de leões. A veadinha fazia sinal, desesperada, e apressava ainda mais o passo. O carro fúnebre parou e ele gelou. Sabia bem das cenas dos próximos capítulos: vigiar e punir era o lema. Entregou a Deus e continuou andando, com medo, é verdade, mas a culpa mesmo era de Lombroso, que acordou com ele e passou o dia todo lhe atazanando o juízo. Não tinha nada a ver com isso. Se aproximava dos homens. Ela já ia na direção deles. Um dos guardas já vinha em sua direção, de doze na mão e gritando pra ele parar, colocar a mão na cabeça e se ajoelhar. Execução era assim, sabia disso muito bem. Entregou de novo a Deus, e dessa vez a um Deus em particular, seu pai de cabeça, rezou, pediu, e esperou.

O homem mau se aproximava, seria ele também uma vítima de Lombroso? O que esperar dele, ao mesmo tempo delinquente e agente da lei e da ordem, um

claro contra senso, por conta de seu crânio simiesco e sua pele preta, cheio da lombra de Lornbroso na cabeça. Juiz e executor?

Ouviu o estalar da escopeta, estava pronta. O som dos coturnos no asfalto se aproximavam, dois, três pares de coturno soando na madrugada que se silenciara mais profundamente.

Ouviu a voz da tia velha cortar a rua: Rominho, Rominho meu filho, pelo amor de Deus, levante daí menino, que você não é vagabundo! Levante daí meu filho! - a voz sempre firme e autoritária da coroa, não escondia nenhuma tensão. Ouviu o policial então retrucar: A senhora conhece esse homem, Dona Miralva? E a velha respondeu: é meu sobrinho, pelo amor de Deus! É o mais novo de Teresa, sargento, pelo amor de Deus, me entregue meu menino! E o guarda respondeu de novo: Calma Dona Miralva, a gente ia só averiguar uma suspeita, tenha calma pra senhora não se sentir mal de repente.

Mandaram levantar, meio atordoado sentiu o abraço violento da tia lhe arrebatando, menino, menino, eu não falei pra você vir cedo menino? O buraco aqui tá quente menino sem juízo, isso é hora? Seus primos já tão tudo dormindo!!

E você minha senhora, o que está fazendo por aqui essa hora, a senhora mora por aqui, ou tá procurando alguém? É mulher de traficante, por acaso? - Ouviu o policial se dirigir à loira, que sumira completamente do foco de sua atenção: Entre aí na viatura, que a gente vai te levar no seu destino, depois de averiguar de onde vem e pra onde vai...

Foi andando com a tia, sem nem olhar pra trás. Pobre moça, pensou, entregue sozinha a cinco lombrosianos lombrados, em plena madrugada. Dormir cedo, que bater laje é trabalho duro. O que seria dela, coitada, ou estaria realmente imaginado coisas?

(*Salvador negro rancor*, p. 50-55).

## Paulista

Paulista foi meu pai de rua em BH. Me ajudou, me acolheu e até me chamava de “fio”. Eu vim subindo pela Afonso Arinos de besteira, recém-chegado ainda, quando senti o cheiro da ganja forte e prensada do Paraguai que eles usam por lá. Encostei no cara, fumava ele e um pivete que eu já vira no sinal da Afonso Pena, pedindo dinheiro pra as madames nos carros. Foi só chegar: – São meus fios esses aí – ele me disse apontando o outro neguinho que se achegou na roda: – nós somos uma família ... e parou sugando o cigarro de erva, olhando com o rosto inclinado, pralguem nada profundo (Eu ia me acostumar com isso, sempre que sua filosofia pedia alguma reflexão mais demorada): – é fio, nós somos uma família, repetiu olhando ainda algum ponto atrás da minha cabeça: - Só falta uma mãe, não é? Mas isso eu arranjo essa semana, pode contar! Era seu jeito: o que tinha de ser, tinha de ser!

Desse jeito eu entrei pra família, nesse movimento . Meu destino era São Paulo, mas Belô é uma passagem que sempre emperra o cara uns dois meses até seguir na viagem. Sem pressão, eu tava dormindo num albergue lá na Lagoinha, em vista de uma passagem com a assistente social da prefeitura. Buscar trabalho, fazer dinheiro, comprar um barraco numa dessas favelas que a gente ouve os nomes nas letras de Rap. Paulista que me ensinou das ruas do Centro: – Olhe Fio, eu posso te ajudar, e tal, uma mão lava outra e tal. Eu tenho um trabalho aí, que eu faço e tal,

uns barco de papelão com palito de fósforo. Cê é bem chegado na nossa família, cê ajuda nós que nós ajuda ocê.

Paulista devia ter seus trinta anos, gordo não, forte. Preto como um africano, cabeça raspada sob um boné do Corinthians que não saía pra nada. Sempre de bermuda e tênis, camisa de futebol. Tinha o Gui, seu mais velho, de dez anos, que guardava carros na praça, e o Ivan, que ele só chamava por “neguinho”, e era o que pedia no sinal.

– Tem esse cachorro aí fio, que é da família também, tá ligado, fica com nós e não pega nada pra ele, que de noite no coió, é ele que avisa de movimento.

[...]

– Fio, uma garrafa de 51 pra nós, e olhe fio, veja no jornal que time daqui que ganhou no domingo, pra saber de que cor nós faz os barcos hoje, branco e preto, ou azul e branco. Eu ia e olhava os resultados dos jogos do Atlético e do Cruzeiro.

[...]

– É fio, ele dizia, eles pensam que nós bebemos (ele tinha mesmo uns de repente de concordância verbal) pra ficar chapado, e não botam fé que nós bebemos é pra ficar careta. Eles não sabem que na rua, se ficar de cara, o homem pira o cabeção, então nossa caninha é que segura a gente de cara!

(*Salvador negro rancor*, p. 29-31).

## Ojuoyin

Ah, que tonteira é essa que faz o corpo todo querer apenas uma coisa e que essa coisa se torne tão parte do seu querer que passe mesmo a ser parte do seu corpo e sendo corpo, mas coisa em falta, não deixa nunca de ser intenso querer?

Que todo órgão do corpo que atua, que cada célula que por vida respira, parecem somente atuar e respirar por um motivo único, longe do qual tudo é necrose e apatia, tudo é sem motivo e cinza e ainda que muito respirasse e atuasse e fosse flores e céus azulados, alguma coisa assim ausente tornaria todo paraíso, desnecessária futilidade?

As ondas do mar se quebravam forte sobre o paredão de pedra. Em toda sua força, era lentamente que essas ondas se formavam no meio do mar, e tão suavemente se formavam e tão lentamente se avolumavam que surpreendia a força com a qual quebravam contra o paredão de pedra. Obainã observava, sentado acima do paredão, com os joelhos dobrados e os braços por cima dos joelhos, o rosto olhando por entre os braços, como se estivesse escondido, mas estava somente observando o espetáculo das ondas se partindo contra a pedra imóvel.

Percebia que toda a força com que a água viva se chocava contra a estrutura de pedra e toda sua violência, preservava uma lentidão tremenda, uma perfeição de movimentos tão sincrônica, que era mesmo um bote em câmera lenta, como o mais rápido golpe de um capoeirista angoleiro, preservava essa mesma lentidão terrível de segundos que nunca acabam e que ficam minuciosamente gravados na memória dos que têm o privilégio de assisti-los.

Toda essa dança exalava sentido de sagrado e era isso o que precisava naquele momento. Saber que as coisas são sagradas e que cada micromolécula do cosmos está inevitavelmente dedicada pra que tudo aquilo que tem força prospere e que toda vontade obstinada alcance sua meta e conduza o universo em seu caminho de transformações infinitas.

Nada mais natural que um rapaz chamado Obainã se sentisse maternalmente acolhido e protegido diante da imensidão do mar.

[...]

(*Morte e vida virgulina*, p. 83-84).

## Morte e vida virgulina

### III

– Brasil, você acha que Peter Tosh fez essa *Coming in Hot* pra sacanear o *Coming From the Cold* de Bob?

A onda agora era café da Costa Rica. Crime freelancer numa cidade dominada por um sindicato só. Era realmente coisa de louco, na mira de ladrão, na lista da polícia. Sair na rua era uma aventura. Disfarce, chapéu, óculos, mas como disfarçar o Angolano? Já tava quase famoso. Os meninos passam anos na função até ganhar destaque, ele não precisava fazer esforço. Quase dois metros, magro e pleno na elegância natural africana, somente alguns vincos fundos no rosto entregavam as durezas atravessadas na vida, mas nem uma pista sobre a idade. Qualquer roupa que usasse o transformava num Chicaço's Jazzman from the 30's, e isso não é o que se pode considerar como um bom disfarce. Só no centro conseguia passar batido no meio dos africanos das galerias. Aí o dinheiro que não se pode gastar. O Angolano, juntando pra voltar pra Luanda, na espera de refazer a vida na Reangola da Odebretch e da OAS. Esperanças... sonhos.

Já tinham parado em diversos cafés do Brasil, café da Colômbia, o melhor do mundo. Café do Equador. Agora era da Costa Rica. Bom, espesso, amargo e forte. Era o único luxo que o super-herói se permitia.

– Claro que sim, Tosh ainda tava mordido por que Bob tinha colocado o nome dele na frente da banda. Tinha casado com a namorada dele, tava fazendo turnê internacional...

– A Europa escolheu Bob porque era mestiço, meio inglês, Peter era preto, elogio à mestiçagem.

– Lógico que não, Bob era mais talentoso, era mais poético, mais popular, Tosh era mais limitado poeticamente falando.

– Você está misturando drogas no seu café, Brasileiro, você já ouviu música como *Pick Myself Up*? Já viu a letra de *African*?

– E você já viu músicas como *Babylon Sistem*, como *Redemption Song*?

– Aí você se engana, a maior parte das músicas gravadas por Bob depois da separação, já tinha sido gravadas pelos Wailers no estúdio *One*. Bob só fez amaciar pra os ouvidos europeus e americanos. O que Bob fez? Um disco de amor pra suas amantes brancas! Tenha paciência, Brasil.

– Todo mundo sabe que Bob era fichado na CIA, por apoiar o exército de libertação do Zimbábue. Ele era um revolucionário.

– Tosh era um homem saqrado, um verdadeiro Rasta. Ele foi assassinado porque cantava o que Marcus Garvey pregava, a união de todos os africanos.

- E você diz que eu que sou romântico, ele foi morto por dívida de droqa, todo mundo sabe disso.

[...]

(*Morte e vida virgulina*, p. 65-67).

